



Educação agroflorestal nos estágios agrícolas do Projeto Arte na Terra na Fazenda São Luiz, São Joaquim da Barra - SP

Agroforestry education in agricultural internships on Arte na Terra Project at Fazenda São Luiz, São Joaquim da Barra - SP

AMADOR, Denise Bittencourt¹; ALCANTARA, Anayra Giacomelli Lamas²;
BARRETO, Giovana C.³; CORREA, Maria Fernanda Prudente⁴; LIMA, Lucas
Teixeira Moreira⁵; GENESTRETI, Henrique Escher⁶

¹Arte na Terra, denise@fazendasauluiz.com ; ²Arte na Terra, anayra.bio@gmail.com; ³Pós-Graduação em Meio Ambiente & Desenvolvimento (PPGMADE), Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná (UFPR), escrevaparagiggia@gmail.com; ⁴Arte na Terra, m.fernandaprudente@gmail.com; ⁵Arte na Terra e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), luks.tml@gmail.com; ⁶Arte na Terra, henrique.genestreti@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O Projeto Arte na Terra, desenvolvido na Fazenda São Luiz (São Joaquim da Barra, SP) desde 2002, oferece experiências educadoras através das agroflorestas e toda a dimensão filosófica, prática e política que as envolve. O papel pedagógico das agroflorestas é imenso, unindo ciência, prática, comportamento, espiritualidade e arte, representando uma ferramenta potente para trabalhos de Educação Ambiental. Os estágios agrícolas oferecidos aos jovens do 9º ano das escolas que trabalham com a Pedagogia Waldorf são imersões de cinco dias nas atividades rurais agroecológicas mediadas pelos educadores do projeto e os trabalhadores da fazenda. Os resultados têm sido muito significativos para os jovens e para os educadores, as experiências vividas proporcionam descobertas e transformações profundas em diversos níveis do ser: físico, cognitivo, emocional e até no autoconhecimento, despertando para aspectos existenciais e práticos na relação entre as pessoas e com o planeta.

Palavras-chave: sistemas agroflorestais; pedagogia waldorf; educação ambiental; agricultura sintrópica.

Contexto

A partir do encontro presencial com Ernst Göstch, em 1996, e suas ideias técnicas e filosóficas, um grupo iniciou suas investigações de forma coletiva, formando o Mutirão Agroflorestal, trabalhando os mutirões para processos educadores em agrofloresta (AMADOR, 2018). A Agrofloresta Sucessional Biodiversa, que recebeu o nome de Agricultura Sintrópica pelo próprio Ernst (PASINI, 2017), convida a um olhar biocêntrico da Natureza, no qual o ser humano é parte e participa enquanto uma espécie na teia da vida, em um sistema inteligente. Essa dimensão contribui para a reconexão entre o ser humano e a natureza, conduzida pela integração com o amor, a ética, os valores humanos, mudanças de comportamento e uma visão de mundo cooperativa, comprometida e agroecológica.

No ano de 1997, teve início o processo de transição agroecológica da Fazenda São Luiz junto ao plantio de agroflorestas, a restauração da paisagem, e a promoção de



mutirões agrofloretais junto ao grupo Mutirão Agroflorestral. Em 2001, efetivou-se a construção coletiva e multidisciplinar do projeto Arte na Terra de Educação Ambiental, que recebeu esse nome em alusão à dimensão artesanal e amorosa das práticas agroecológicas, bem como na valorização da Arte, em suas variadas manifestações, como facilitadora nos processos educadores. Os principais objetivos do Arte na Terra são: proporcionar vivências e atividades práticas para a sensibilização ambiental, despertar o olhar crítico, valorizar os aspectos históricos e socioculturais da região, oferecer imersões a partir dos princípios da Agrofloresta e da Agroecologia, tais como fomentar visões sobre outras relações ser humano-natureza. A equipe atual conta com 12 educadores de diversas formações e é responsável pelo atendimento de cerca de 1.000 pessoas por ano, oriundas de grupos variados, especialmente escolares, mas também agricultores, técnicos e terceira idade. O Arte na Terra contribui com os currículos escolares, oferecendo uma vivência ativa e prática, com experiências profundas, transdisciplinares, e ao mesmo tempo alegres e lúdicas.

Dentre as atividades oferecidas pelo Projeto, têm tido destaque os “Estágios agrícolas”, imersões voltadas aos estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental das Escolas que praticam a Pedagogia Waldorf, tendo a Fazenda se constituído um espaço educador muito adequado para o que é esperado pedagogicamente dessa atividade.

Descrição da Experiência

Segundo a Antroposofia, filosofia sistematizada por Rudolf Steiner que embasa a Pedagogia Waldorf, o adolescente de 14 anos se dirige cada vez mais ao raciocínio e à capacidade de julgar (RICHTER, 1995). O despertar da consciência crítica do mundo que o cerca muitas vezes vem acompanhado por desilusões. Em tal Pedagogia, é clara a necessidade de apoiar os alunos e possibilitar-lhes uma orientação diante das indagações que surgem a respeito das injustiças do mundo. Aos 14 anos, os jovens cursam o 9º ano e, por isso, as escolas Waldorf oferecem uma viagem pedagógica como uma oportunidade de imersão no dia-a-dia rural, para que vivenciem o trabalho da produção agrícola. Juntamente com os processos mentais que surgem nessa idade, os jovens querem se desafiar em tarefas que exijam energia, discernimento, coragem e presença de espírito (RICHTER, 1995). Ao utilizar a força de seus membros que estão em pleno crescimento ocupando-se intensivamente das diversas atividades rurais, trabalhando em grupos, ganham uma visão das origens do mundo do trabalho.

Ao longo dos últimos 20 anos, o Projeto Arte na Terra recebeu na Fazenda São Luiz 89 turmas, com uma média de 25 alunos cada, para a realização dos estágios agrícolas. Essa atividade acontece em um sistema de imersão de cinco dias na Fazenda, em que os jovens são envolvidos e trabalham coletivamente nas diversas atividades que fazem parte da rotina rural: retiro de leite, trabalho na horta sucessional, na composteira, plantio e manejo das agroflorestras, colheitas, coleta e beneficiamento de sementes florestais, produção de mudas, oficinas de



meliponicultura, preparos de produtos com plantas medicinais, trabalho de manutenção de estruturas, culinária, beneficiamento de alimentos, entre outras atividades, conforme apresentado nas figuras de 1 a 3. Além disso, fazem parte do estágio agrícola momentos de fruição junto à natureza com banhos de cachoeira, trilhas, observação do céu, sarau na fogueira, permeados por uma alimentação agroflorestal especialmente preparada pelas cozinheiras da Fazenda São Luiz. Essa experiência traz aos jovens de origem urbana uma vivência riquíssima, conhecendo outras formas de se relacionar com a terra, com a natureza, com os colegas, de cultivar alimentos regenerando o solo por meio da cooperação, da união e do amor.



FIGURA 1 – Plantio em canteiro da horta.



FIGURA 2 – Observação dirigida do sistema agroflorestal.



FIGURA 3 – Atividade de plantio.

Resultados

A Educação Agroflorestal desenvolvida no Arte na Terra atinge os processos cognitivos e os aspectos subjetivos do ser, sentimentos e emoções, promovendo reflexões e estimulando a ações cooperativas e responsáveis com o ambiente, em nível micro e macro. Ao final de cada estágio agrícola, os educandos realizam uma avaliação oral da experiência vivida e das contribuições das atividades para o seu desenvolvimento, e ficam muito evidentes em cada relato a sensibilização ambiental dos jovens, transformações pessoais e quebras de paradigmas. A Educação ambiental agroflorestal promove reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos e o mundo que queremos, entendendo a Terra como um planeta vivo do qual fazemos parte, reposicionando o ponto de vista de uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária.

Pode-se considerar que se trata de uma Educação Biocêntrica, pois possui uma abordagem centrada na vida, buscando a construção de uma nova relação ser humano-natureza. Segundo Figueiredo (2008), na Educação Biocêntrica o educador realiza a mediação da construção do conhecimento pelo educando, pautado em uma relação dialógica e amorosa e orientado pela consciência ética. Como resultados de vivências tão intensas e profundas, apresentamos a seguir algumas reflexões, aprendizados e considerações de membros da equipe de educadores do Arte na Terra, que refletem como ocorrem essas relações.



Semeando corações com sementes agroflorestais

Dentre as diversas linhas pedagógicas que envolvem a Educação Ambiental, existem aquelas que escancaram todos os malefícios que o ser humano tem causado ao equilíbrio do sistema planetário. Embora a transmissão desse conhecimento seja importante para o despertar da consciência, especialmente após os 14 anos, ela pode imobilizar se não for bem conduzida. O desenvolvimento da Educação Ambiental Agroflorestal demonstra de forma prática, real e positiva não apenas a possível coexistência do ser humano e dos demais seres vivos, mas como as ações humanas podem favorecer os processos de regeneração e de abundância de vida. Ao conhecer as dinâmicas e a lógica da agrofloresta e manejar se percebendo como mais uma espécie que pode facilitar esse sistema, o ser humano tem a oportunidade de compreender como pode desempenhar um papel positivo como ser vivente do planeta Terra. Essa compreensão, que ultrapassa o nível mental, atingindo os níveis físico e emocional, é essencial para a sua mobilização. Quando o jovem de 14 anos sente em todos os níveis de seu ser que pode se tornar esse agente de regeneração, a potência desse trabalho possui dimensões incomensuráveis. *(Anayra Alcantara - educadora e gestora do Arte na Terra.)*

Olhar a floresta, este poderoso organismo, é uma oportunidade de ver-se pelo lado de fora. O nosso intestino, o solo dela; os nossos líquidos, as seivas dela; os micro seres que me habitam, todos os seres que habitam ela; como eu me comunico e as várias formas de conversar através dela; a alma que me habita, pulsa mais forte quando estou dentro dela! Uma grande evolução aconteceria se toda a educação fosse "agroflorestada": entender com a natureza que somos também ela e, assim, ter acesso a um verdadeiro manual sobre a complexa e maravilhosa dinâmica da vida.

Uma agrofloresta é uma lousa bonita, perfumosa, integrativa, espirituosa e didática. Assistindo e participando da conversa que existe em cada pedaço dessa natureza, deixamos florescer de dentro para fora o aprender genuíno - sobre o mundo de fora e o mundo de dentro de si. Não há restrição, nem de idade, física ou cognitiva, que

impeça uma pessoa de aprender dentro de uma floresta, pois os ensinamentos são inesgotáveis e de todas as naturezas. Basta estar ali e observar tudo o que se passa ao redor, pois mesmo por alguns instantes, muito já pode ser sentido e apreendido. São tantas as interações acontecendo ali que se pode fazer questionar: será que a monocultura não escraviza, para além da terra, pessoas? Agrilhoando almas, músculos, paladares, pensares, expressares, a cultura, a história e a memória de um povo? A personalidade, a comunidade e a verdade? Nas plantações de uma só cultura que envolvem a minha cidade, não se encontram tão ricas interações, os sons muitas vezes são mais metálicos, de maquinário, do que "poesiado" de insetos e passarinhos. Onde há alimentos, abençoados por árvores de diversos tamanhos, com a terra vestida de matéria-orgânica, enfeitada de flores, acolhendo animais e as águas, há também uma escola e medicina! Educar ecopedagogicamente em mutirão dentro de uma agrofloresta, fortalece o vínculo



entre as pessoas. Cada ação é um convite de dentro para fora à atenção e ao respeito com todos os seres, é o oxigênio que todos respiram. (*Maria Fernanda Correa - educadora do Arte na Terra*)

Florestar-se

Eliane Brum (2021) aponta que a proteção e o entendimento sobre a Amazônia, nosso centro de gravidade no mundo, passam primeiro pela necessidade de que nos tornemos floresta, pois é somente ao se colocar na pele e na iminência dos seres que habitam a floresta, tais como pacas, sumaúmas, formigas, ribeirinhos, abelhas, onças, indígenas, beiradeiros e muitos outros seres que habitam do micro ao macro, que poderemos de verdade entender que são as florestas que sustentam os pilares da humanidade. Nesse sentido, a educação ambiental enseja deslocar o olhar das pessoas (idosos, adultos e crianças) que foram expropriadas do direito de ensino à natureza, aos campos cerrados, às florestas e mais do que isso, do direito à terra que gera toda a vida. É nosso papel, enquanto educadores ambientais, que desloquemos olhares para a construção do respeito à vida, que potencializam que os seres humanos sejam agentes de transformação e dispersão da vida e não mais da morte e da destruição. E é assim, que ao jogar sementes ao vento, não podemos mais deixar que elas se percam ao vento, pois ao mesmo tempo já deixaremos preparado solo fértil para que germinem, cresçam e possam ser novamente sementes. A pedagogia do fazer, a agroecologia, as relações humanas e uma pitada de arte na terra são nossas ferramentas, que em cumplicidade e simbiose com nossas mãos e sementes, e com o facão e a enxada, podem de fato mudar e alimentar o mundo de alegria, afeto e comida. (*Lucas Teixeira Moreira Lima - educador do Arte na Terra*)

Coração inteligente & Pensamento emocionado

A primeira vez que trabalhei no Arte na Terra pensei: isso é trabalhar? Nem parecia que eu estava trabalhando porque na verdade eu só estava ali interagindo e cuidando e/ou conversando com a (mãe) natureza. A construção de um outro modo de estar no mundo é efeito da construção de um outro modo de estar em relação com tudo e/ou com a terra que inclui também o processo da própria intervenção em Si. O Arte na Terra me ensinou que é possível e que já existe até!, uma abordagem da “ecologia da consciência” que eu costumo chamar de agroecologizando mentes que é o que Vandana Shiva já vem falando: “é preciso transmutar e/ou acabar com a monocultura do pensamento”. No nível metafísico, a biodiversidade é o multiverso de galáxias e estrelas; no nível físico/material o multiverso é a biodiversidade que inclui tudo. Do meu ponto de vida/vista, na Fazenda São Luiz o trabalho é experimentado e experienciado como princípio educativo ambiental no contexto desde uma perspectiva que entende os ambientes como tudo aquilo que nos cerca, seja ele urbano e/ou rural - concreto ou natural, físico ou metafísico. Para mim o objetivo do Arte na Terra é: transformar o olhar antropocêntrico em olhar antroPOcênico e/ou antroPOGênico para assim então ser/fazer Arte na Terra! (*Giovana Barreto, educadora do Arte na Terra.*)



Contar histórias

Layrargues (2004) afirma que é preciso que as ações pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem sejam viabilizadas, contextualizando a realidade socioambiental, e assim, tornam-se fundamentais na formação da perspectiva crítica e na transformação de indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, as ações pedagógicas de caráter crítico exercitam o esforço de ruptura com a armadilha paradigmática. As práticas de Educação Agroecológica e os diferentes agentes envolvidos no Arte na Terra, proporcionam uma ampliação do conhecimento e, assim, resultam na descoberta de histórias ainda não contadas que podem ser relevantes, não só para região, mas também num contexto mais amplo e global. (*Henrique Genestreti, estagiário de comunicação no Arte na Terra*)

Referências bibliográficas

AMADOR, D. B. **Educação agroflorestal e a perspectiva pedagógica dos mutirões agroflorestais** In: Anais X Congresso Brasileiro de Agroecologia; 12 a 15 de setembro de 2017, Brasília/DF v. 13 n. 1, 2018.

BRUM, E. **Banzeiro-Okoto: uma viagem à Amazônia centro do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FIGUEIREDO, T. Sentir, pensar e agir: a Educação Ambiental na perspectiva biocêntrica. **Revista Pensamento Biocêntrico**, Pelotas, n. 9, p. 85-110, 2008.

LAYRARGUES, P. P. **Identidades da educação ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

PASINI, F. DOS S. **A Agricultura Sintrópica de Ernst Götsch: história, fundamentos e seu nicho no universo da Agricultura Sustentável**. 2017. 104 f. Dissertação (mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Macaé, Rio de Janeiro, 2017.

RICHTER, T. **Objetivo pedagógico e metas de ensino de uma Escola Waldorf**. São Paulo: FEWB, 1995.